

Uma interface discursiva do midiativismo: *ethos* e imaginários mobilizados em *posts* do *Jornalistas Livres*

autores:

André Luiz Silva

Mestre em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG.

E-mail: andre.alvaresesilva@gmail.com.

Rafael Angrisano

Mestre em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG.

E-mail: rafael_angrisano@hotmail.com.

RESUMO

No presente estudo de caso, tivemos como intuito refletir criticamente sobre o conteúdo ativista da página *Jornalistas Livres* da rede social digital *Facebook* à luz da Teoria Semiolinguística, a fim de perceber, sobretudo, os *ethé* e os imaginários sociodiscursivos mobilizados em seus *posts*. O acontecimento escolhido foi a condenação do ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 1ª instância, pela suposta aquisição irregular de um triplex no Guarujá. Percebemos, a partir das análises empreendidas, um *ethos* discursivo relacionado a um ativismo do espectro político de uma esquerda progressista. Em seus *posts*, a rede usou da ironia, da intertextualidade e do discurso militante fazendo suscitar imaginários sociodiscursivos calcados em um saber de opinião, de modo a demarcar seus posicionamentos políticos, engajar-se em um julgamento a respeito da condenação e buscar adesão do público em geral e, especificamente, de seus interlocutores-seguidores.

PALAVRAS-CHAVE: Midiativismo. *Facebook*. *Jornalistas Livres*.

Para citar este capítulo:

SILVA, André Luiz; ANGRISANO, Rafael. Uma interface discursiva do midiativismo: *ethos* e imaginários mobilizados em *posts* do *Jornalistas Livres*. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). *Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática*. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 629-650.

Uma interface discursiva do midiativismo: *ethos* e imaginários mobilizados em *posts* do *Jornalistas Livres*

Introdução

O paroxismo da *Internet* trouxe consigo, entre outras possibilidades, portabilidade, ubiquidade, conectividade e, desse modo, a chance de o indivíduo-cidadão tornar-se, em posse dos dispositivos técnicos atuais, instância de produção midiática. Com isso, de certa maneira, ele busca não somente quebrar com a lógica centralizadora, onipresente e onisciente dos *media*, mas reivindicar outras narrativas possíveis para os acontecimentos, propondo, em última instância, quais acontecimentos aderir¹. São exemplos dessa prática comunicativa aquelas realizados em movimentos como o *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos; a *Primavera Árabe*, no Oriente Médio e Norte da África; *15-M*, na Espanha; *#Yosoy132*, no México; as *Manifestações de Junho de 2013*, no Brasil. Inúmeros autores (DOWNING, 2002; ATTON, 2002; PASQUINELLI, 2002; LOVINK; GARCIA, 2003; ASSIS, 2006; GOHN, 2010; RAMONET, 2012; MALINI; ANTOUN, 2013; CASTELLS, 2013; MATTONI, 2013; BENTES, 2015; BITTEN-COURT, 2015; ANDRADE, 2016; MILAN, 2016) têm buscado refletir sobre o modo como os dispositivos técnicos atuais vêm alterando o fazer ativista.

No presente capítulo, de caráter mais prático, temos como intuito refletir criticamente sobre os *posts* da rede *Jornalistas Livres* no *Facebook* à luz de conceitos e proposições da Análise do Discurso de vertente francesa, mais especificamente, da Teoria Semiolinguística, a fim de perceber, sobretudo, imaginários e *ethé* discursivos mobilizados em suas narrativas e o *modus operandi* do midiativismo² ali presente. Dessa forma, realizamos um estudo de caso³ a partir das materialidades discursivas

¹ Conforme bem apontou Bentes (2015), o sujeito midiativista não apenas registra a manifestação, mas é corpo dela e, por meio da cobertura que exerce, mobiliza, organiza e expressa aquele movimento.

² Usamos ao longo do artigo o termo “midiativismo” num sentido lato. Foletto (no prelo), neste mesmo livro, faz um inventário para caracterizar as origens e os contextos de usos de termos como “midiativismo”, “mídia livre”, “mídia tática”, “mídia alternativa” e “mídia radical”.

³ O estudo de caso é uma investigação empírica para compreender e fixar limites entre o fenômeno e o contexto em que ele se apresenta. Essa prática enquadra-se como método qualitativo, em que o pesquisador busca analisar o fenômeno de maneira ampla e sistemática, num movimento vertical profundo. Não há procedimentos predeterminados para esse tipo de pesquisa, a maneira de conduzir o estudo de caso dependerá do objeto e do contexto em questão. Dessa maneira, para esta pesquisa, optamos por, inicialmente, definir o caso ou o fenômeno a ser estudado (interface discursiva do caráter midiativista nos *posts* da rede *Jornalistas Livres* no *Facebook* sobre a condenação de Lula em 1ª instância); em seguida, escolhemos analisar os *posts* a partir de uma observação sistemática, tendo como ferramental os pressupostos teóricos da Teoria Semiolin-



(textos, fotos, vídeos etc.) das narrativas sobre a condenação do ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 1ª instância, pela suposta aquisição irregular de um triplex no Guarujá (SP). A justificativa para escolha desse acontecimento diz respeito ao fato de ter sido uma das principais notícias do âmbito político, até então, em 2017, no Brasil, e, por esse motivo, ter mobilizado tanto os *media*, quanto os coletivos independentes. Acreditamos, com isso, apontarmos não apenas os *éthe* mobilizados pelo perfil selecionado, mas os imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU, 2007), entre outras estratégias discursivas utilizadas pelo⁴ *Jornalistas Livres*, a fim de, por meio desse conteúdo ativista e engajado, instigar a adesão do sujeito interpretante.

O trabalho está dividido em três partes. Em primeiro lugar, propomos a revisão de alguns conceitos teóricos fundantes do nosso olhar analítico, entre eles, os fundamentos da Semiologia e as percepções de *ethos* e imaginário sociodiscursivo. Num segundo momento, realizamos a análise propriamente dita, articulando os conceitos abordados a fim de perceber certos *ethé* e imaginários mobilizados pela página. Por fim, tecemos algumas considerações a respeito da interface discursiva do midiativismo do *Jornalistas Livres*.

1 Semiologia para análise de posts midiativistas

Como arcabouço teórico-metodológico para analisarmos os *posts*⁵ ativistas da página do *Jornalistas Livres* no *Facebook* por um viés discursivo, optamos por lançar mão da Teoria Semiológica, de Patrick Charaudeau, pensada a partir de 1978 e materializada em 1983 com a publicação de *Langage et discours*, obra oriunda da tese do linguista francês. Fundamentamos tal escolha no fato de a Semiologia conceber o discurso segundo um ponto de vista comunicacional, isto é, uma na dupla dimensão – interna e externa – presente em todos e quaisquer processos discursivos. A dimensão externa diz respeito aos atributos psicossociais dos sujeitos do discurso; não é levado em consideração, nesse momento, o aspecto discursivo, mas a identidade, a finalidade, o propósito e a circunstância de comunicação. Internamente, a partir das “maneiras de dizer”, os coenunciadores vão construir uma identidade discursiva com a intenção de influenciar o outro parceiro; este é o lugar da *mise en scène*.

De acordo com Charaudeau (2010b), o ato de comunicação é uma relação entre coenunciadores, e o produto gerado por essa troca comunicativa ocorre a partir de

guística para observar os imaginários e *ethé* discursivos mobilizados pelas materialidades textuais; feito isso, procedemos à interpretação dos dados obtidos. (YIN, 2005; ALVES-MAZZOTTI, 2006).

⁴ Ao longo do texto, optamos por usar os determinantes no singular antes de “Jornalistas Livres” por subentender a presença do sintagma “coletivo”, no caso de masculino, e “rede”, no caso de feminino.

⁵ Por *posts* entendemos quaisquer materialidades discursivas publicadas numa dada rede social digital: textos, imagens, vídeos, enquetes, montagens etc.



um “jogo de expectativas” construído por inferência. Dessa maneira, é necessário compreender os três espaços de construção do sentido, a saber:

- a) o primeiro espaço é o de “produção”, em que se encontra o sujeito produtor do ato de comunicação. Nesse espaço, define-se o “jogo de expectativas” e são identificadas as finalidades propostas para as situações de comunicação – aqui, o locutor é sobredeterminado por uma identidade social imposta pela situação de comunicação;
- b) o segundo espaço é o da “reprodução”, lugar do sujeito interlocutor, em que se são fixados os efeitos produzidos pelo ato de comunicação;
- c) o terceiro espaço é o da “construção do texto”, em que se realiza o texto, a partir de dados impostos pelo espaço de produção. A organização desse espaço depende das estratégias e categorias de discursos escolhidos pelos produtores. Aqui, os sujeitos não são os de produção e tampouco os de interpretação, são os sujeitos de fala (enunciadores e destinatários) definidos em termos de identidade discursiva.

A relação dos três espaços supracitados resulta na coconstrução do sentido, efetivada pelos dois parceiros do ato de comunicação, uma inter-relação entre os efeitos visados e os efeitos possíveis (CHARAUDEAU, 2010).

Tendo por base essa noção incipiente a respeito da construção de sentido, sobretudo a perspectiva do terceiro espaço (o de construção do texto a partir dos modos de organização discursivos), iremos analisar os *posts* da página do *Jornalistas Livres* no *Facebook* como atos de comunicação deliberadamente produzidos para um dado fim.

Para, então, analisarmos as publicações do *corpus* por nós escolhido e divirmos sobre o(s) fim(fins) ali manifesto(s) – entre este(s) os *ethé* e os imaginários –, vamos nos aprofundar, deste ponto em diante, na Teoria Semiolinguística. Charaudeau (2009; 2010) propõe a duplicidade do sujeito em uma dimensão externa, em que estão o sujeito comunicante (locutor) e o sujeito interpretante (interlocutor), e uma dimensão interna, permeada pelo sujeito enunciativo (enunciador) e pelo sujeito destinatário (coenunciador).

O espaço externo refere-se aos atributos psicossociais dos parceiros da troca; é constituído por quatro categorias, as quais, para Charaudeau (2010, p. 68, grifos no original), têm correspondência em “um tipo de condição de enunciação da produção linguageira: *condição de identidade, condição de finalidade, condição de propósito e condição de dispositivo*”.



a) A identidade diz respeito aos traços psicossociais dos parceiros da troca (idade, sexo, etnia, hierarquia etc.), resumidos à pergunta: “Que pessoa fala a que pessoa?”. b) A finalidade, como explica Charaudeau (2010), constitui o objetivo do ato de comunicação, isto é, “Está-se aqui para dizer o quê?”; nesse ponto, especificamente, o autor formula outra noção-chave da teoria semiolinguística, a ideia de visada (*visée*); corresponde à cointencionalidade dos sujeitos durante o ato de comunicação⁶. Inicialmente, Charaudeau (2004) subdividiu as visadas em seis⁷; posteriormente (CHARAUDEAU, 2010), esse número foi reduzido para quatro: (1) na visada prescritiva, o Eu está em posição de “mandar fazer” em razão da sua autoridade – o Tu deve fazer sob pena de sofrer retaliação caso não obedeça (e.g., relação entre chefe e empregado); (2) a visada incitativa tem por objetivo “mandar fazer”, mas, pelo fato de o Eu não estar em posição de autoridade, ele busca convencer o Tu por meio de argumentação ou persuasão – nesse caso, o Tu o faz por acreditar no benefício desse ato para si (e.g., relação entre candidato e eleitor); (3) a visada do pathos é aquela do “fazer sentir”, ou seja, o Eu almeja provocar sensações (sentimentos) agradáveis ou não no Tu – este, por sua vez, está em posição de se emocionar (e.g., relação entre ator e espectador); e, por fim, (4) a visada informativa diz respeito ao “fazer saber” – o Eu está em posição de sabedor em relação ao Tu; este está no lugar de dever saber (e.g., relação entre jornalista e leitor/ouvinte/telespectador)⁸. c) O propósito é representado pela pergunta “Do que se trata?”. De acordo com Charaudeau (2010), todo discurso está imbricado em um universo de saber mais amplo (uma espécie de macrotema); se os interlocutores não têm ciência desse macrotema, há risco de haver mal-entendidos. Ainda em relação ao propósito, o autor ressalta uma questão de suma importância para os estudos do discurso, “o acontecimento é sempre construído”. Nesse sentido, um fenômeno ganha existência a partir da percepção-captura-sistematização-estruturação por um sujeito linguageiro. d) O dispositivo está em conformidade com a circunstância de realização do ato comunicativo. “Que canal de transmissão é utilizado?”, é uma das perguntas representativas desse dispositivo. Dependendo das condições materiais, o ato de comunicação vai se dar desta ou daquela forma. Nesse espectro, para Charaudeau (2010, p. 105, grifos no original), dispositivo “compreende um ou vários tipos de materiais e se constitui como suporte com o auxílio de uma certa tecnologia”. Sendo a “tecnologia” a mediadora entre os

⁶ Como explica Charaudeau (2004), essa influência é recíproca, pois a intencionalidade exercida pelo “Eu” deve ser reconhecida pelo “Tu”; dessa maneira, ambos vão “jogar” com tais visadas.

⁷ De prescrição (mandar fazer – ordenar), de solicitação (querer saber), de incitação (mandar fazer – convencer), de informação (fazer saber), de instrução (fazer saber-fazer) e de demonstração (fazer saber por meio de provas).

⁸ “Cada situação de comunicação seleciona, para definir sua finalidade, uma ou várias visadas dentre as quais geralmente uma (às vezes duas) é dominante.” (CHARAUDEAU, 2004, n. p.).



“materiais” e o “suporte”, dispositivo, então, para o autor, é um suporte físico (materiais) contendo mensagens⁹.

Descritas as quatro características do espaço externo do ato de comunicação, podemos dizer, com base em Charaudeau (2010), que toda e qualquer troca linguageira é regida por certos princípios e regras. Os interlocutores “[estão] na situação de dever subscrever, antes de qualquer intenção e estratégia particular, a um contrato de reconhecimento das condições de realização da troca linguageira em que estão envolvidos: um *contrato de comunicação*.” (p. 68 – grifo no original).

Descrito o primeiro nível de organização do ato linguageiro (externo), cabe agora dar atenção ao espaço interno, em que estão os mecanismos de funcionamento de todos e quaisquer gêneros. É aí (no espaço interno) o lugar de o sujeito se construir discursivamente para influenciar seu interlocutor, usando de “maneiras de dizer”.

O primeiro dos quatro modos de organização do discurso é o modo enunciativo; este perpassa todos os outros três (descritivo, narrativo e argumentativo), pois se refere ao ponto de vista do enunciador e exerce função de organizar o discurso. “[...] sua vocação essencial é a de dar conta da posição do locutor com relação ao interlocutor, a si mesmo e aos outros – o que resulta na construção de um aparelho enunciativo; [...] esse Modo intervém na encenação de cada um dos três outros Modos [...]”. (CHARAUDEU, 2009, p. 74, grifos no original). Nesse sentido, o locutor considera o interlocutor e lhe impõe (superioridade) ou lhe solicita (inferioridade) o propósito do discurso (componente alocutivo), colocar o propósito em relação a si mesmo (elocutivo) ou não projetar o propósito, mas deixá-lo se impor, numa relação de apagamento (delocutivo). Isso pode ser resumido da seguinte maneira: alocutivo (relação de influência entre os interlocutores) – é o caso, por exemplo, quando se lança mão de uma enquete para saber a opinião do interlocutor, numa relação de petição (inferioridade); elocutivo (ponto de vista do locutor sobre o mundo) – quando um internauta expõe “seu” ponto de vista em relação a um *post*, por meio de um comentário, sem necessariamente implicar um interlocutor¹⁰; e delocutivo (retomar a fala de um terceiro) – situação em que o sujeito traz à tona a fala de um outro, geralmente marcada por aspas ou construções conformativas (“Segundo relatou a Polícia Federal...”).

O segundo modo de organização do discurso é o descritivo. Descrever corresponde a “ver”, isto é, dar existência aos seres e objetos do mundo por meio da nomeação, localização-situação e qualificação. E estes nomear, localizar-situar e qualificar são os três tipos de componentes da construção descritiva. (1) Nomear é fazer existir

⁹ A noção de “dispositivo”, desde Foucault até os autores mais recentes, suscita muita discussão. Para uma introdução ao tema em diversos autores, ver Bruck (2012).

¹⁰ Embora ele, ao escrever “seu” comentário, projete um leitor destinatário, não necessariamente lança uma interpelação ou interrogação a fim de obter um comentário-resposta.



os seres e os objetos do mundo a partir de um processo dicotômico, a saber: “[...] perceber uma diferença na continuidade do universo e simultaneamente relacionar essa diferença a uma semelhança, o que constitui o princípio de classificação”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 112). Essa classificação pode se dar de agrupamentos (e.g., substantivos comuns) ou de seres específicos (e.g., substantivos próprios). Dessa maneira, o ato de nomear cria “taxionomias”, “inventários” e “listas” acerca dos seres e dos objetos do mundo. (2) Localizar-Situar, por sua vez, é um componente para enfatizar descrições dos seres e dos objetos em relação ao espaço e ao tempo. O (3) qualificar corresponde a salientar as características intrínsecas aos seres e objetos do mundo; esse componente particulariza, de maneira mais objetiva (visões sociais) ou mais subjetiva (visões do sujeito), seres e objetos. A partir dessa tripartição dos componentes descritivos, Charaudeau (2009) divide em dois os procedimentos de configuração da descrição: um discursivo e um linguístico. O discursivo é subdividido em identificação, construção objetiva do mundo e construção subjetiva do mundo; do mesmo modo, os linguísticos são três, de acordo com cada um dos componentes descritivos (nomear, localizar-situar, qualificar).

O modo narrativo (terceiro modo de organização do discurso) é, segundo Charaudeau (2009), fruto de uma dupla organização: (1) a organização da lógica narrativa e (2) a organização da encenação narrativa. Uma pode ser considerada um arquétipo, está calcada na sucessão de ações e servirá de base para a narrativa. A outra diz respeito à narrativa propriamente dita, com sujeito, destinatários possíveis, contrato de comunicação, lógica narrativa e encenação narrativa. Desse modo, Charaudeau (2009) propõe dividir essa dupla organização lógica/encenação da narrativa. Para o autor, mesmo sendo uma espécie de modelo, a organização da lógica narrativa tem três componentes: actantes, processos e sequências. Os actantes são aqueles ligados à ação, ou seja, vão desempenhar papéis em dada ação¹¹. Segundo Charaudeau (2009), os actantes narrativos estão envoltos por dois tipos de hierarquia – uma primeira está ligada à sua natureza (é um actante humano?); um segundo diz da importância desse actante para a trama (protagonista/coadjuvante). O segundo elemento da lógica narrativa é o processo. Este, de acordo com Charaudeau (2009), é uma unidade de ação. Vários processos agrupados (isto é, ações), com determinada intenção, vão formar a função narrativa. Em uma narrativa, em que há várias funções, pode-se hierarquizá-las, de maneira a haver uma função condutora e outras complementares. As sequências, terceiro elemento da lógica narrativa, são distribuídas em quatro princípios, os quais dão unidade à organização narrativa, a saber: de coerência, de intencionalidade, de sequência e de localização. A segunda organização do modo narrativo, (2)

¹¹ Charaudeau (2009) diz ser importante diferenciar actante linguístico de actante narrativo. Este diz respeito aos papéis desempenhados em uma situação de comunicação específica; o outro independe da situação ou do contexto em questão.



a organização da encenação narrativa, assemelha-se ao ato de comunicação exposto anteriormente e seus aspectos constitutivos: sujeitos externos (psicossociais) e internos (discursivos) etc. Contudo, na encenação narrativa, Charaudeau (2009) se utiliza de outros termos para definir esses sujeitos. O espaço externo (o extratexto) é o lugar do autor e do leitor; o interno (intratexto) é o espaço do narrador e do leitor-destinatário.

O último modo de organização descrito por Charaudeau (2009) é o argumentativo. Este se divide em (1) uma razão demonstrativa (organização da lógica argumentativa), diz respeito às relações de causalidade entre diferentes asserções, e (2) uma razão persuasiva (encenação argumentativa), em muito, depende do desempenho do sujeito argumentante; por meio de seus argumentos, ele vai estabelecer provas. Em relação à organização da lógica argumentativa (ou razão demonstrativa), é composta por uma asserção de partida ou premissa (A1), uma asserção de chegada ou conclusão (A2) e uma ou várias asserções entre elas, a(s) qual(is) vai(vão) dar coesão ou unidade à argumentação desde a premissa até a conclusão. Sobre a (2) razão persuasiva (ou encenação argumentativa), pressupõe, necessariamente, a presença de um sujeito, em uma dada situação, ligado a um interlocutor por um contrato de comunicação. No entanto, para haver, de fato, um processo argumentativo, é necessário ademais de um encadeamento de asserções. Para ele, o dispositivo argumentativo é “[...] composto de três quadros: PROPOSTA, PROPOSIÇÃO, PERSUASÃO, que são suscetíveis de se superpor na configuração discursiva de uma argumentação”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 221, grifos no original).

2 *Ethé* e imaginários discursivos em posts

Abordaremos daqui por diante dois conceitos importantes para nossas reflexões nesta pesquisa, *ethos* discursivo e imaginários. No que diz respeito ao *ethos* discursivo – intuito final da análise –, Maingueneau (2008) retoma a retórica aristotélica: o *logos* corresponde ao argumento; o *pathos*, às paixões; e o *ethos*, às imagens do locutor. O *ethos* discursivo, para Maingueneau (2008), relaciona-se com um tom presente em um texto, seja ele escrito ou oral; dessa maneira, refere-se à ideia de que, quando falamos, projetamos – por meio de nossas enunciações – em nossos destinatários certa representação de nós mesmos. Na esteira de Barthes, o autor diz que, ao enunciarmos, nos impomos no dizer, tentando refletir algo que consideramos ser (somos isso e não aquilo). Dessa maneira, o *ethos* engendra-se em qualquer enunciação, emerge no momento em que enunciamos, mesmo que de modo não explícito (MAINGUENEAU, 2008).

O *ethos* constrói-se pelo discurso, a partir de um processo interativo, é algo fundamentalmente híbrido (sociodiscursivo). Ele não pode ser compreendido isolado



de uma situação comunicacional. O *ethos*, para o autor, abrange, ainda, uma corporalidade, um modo de se relacionar socialmente, um modo de se vestir, ademais do modo de enunciar e do tom, propriamente ditos.

Para tratarmos da noção de “imaginários”, utilizaremos o conceito de imaginários sociodiscursivos abordado por Charaudeau (2012) no artigo *Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux*.

Para o pesquisador francês, a palavra “imaginário”, em seu uso corriqueiro, carrega o sentido de algo que existiria apenas por fruto imaginação, que não haveria no que chamamos de mundo real. Essa significação do termo aplica-se a uma espécie de construção mental inventiva que não seria objeto real e, portanto, não seria verdade. Alguns sinônimos para essa noção clássica citada pelo autor são as palavras: mito, lenda, ficção. A conotação negativa, às vezes, surge para o termo como uma doença mental, no sentido de ilusão e utopia não realizável da construção idealizada.

Para Charaudeau (2012), a emergência de tal palavra ocorre em três momentos. O primeiro deles é no pensamento clássico, quando o fruto imaginativo era visto como fantasia ou mesmo loucura, em oposição dicotômica radical à percepção de razão, na época o grande motor da humanidade para se fazer frente a um processo confrontativo com o mundo. Essa noção perdura até o século XVIII, quando emerge o segundo grande movimento, reforçado, no século seguinte, pelo surgimento das ideias de Freud, que afirma a existência de uma dupla consciência humana cruzada por um ego social-coletivo e o ego individual de cada um. O fundador da Psicanálise cria os conceitos de ego-id-superego e encaixa o que chamamos de Imaginário próximo ao “Superego”. O “*Id*” estaria na ordem do simbólico. Jung, por sua vez, desenvolve o conceito de “arquetipo”, que seria uma temática social que coletivamente compõe os imaginários de cada pessoa sobre um pano de fundo coletivo. Finalmente, o último momento é o da Antropologia, que reflete a respeito do ritual social como processo discursivo que representa a organização de determinadas sociedades.

Com isso, Charaudeau (2012) define o que chama de imaginário, buscando outra noção para pensar a sociedade e os discursos – a noção de representação. Tal conceito é apropriado de reflexões de Durkheim (representações coletivas) e Moscovici (representações sociais) que não serão pormenorizadas aqui. Dessa maneira, Charaudeau (2012) cunha a expressão “imaginários sociodiscursivos”.

Os imaginários sociodiscursivos são uma forma de apreensão do mundo. Tal apreensão ocorre por meio do processo de simbolização ocasionado pelas interações entre indivíduos em um dado ambiente social. Para Charaudeau (2012), a troca simbólica entre os sujeitos constrói uma memória social coletiva constantemente modificada por novas sínteses culturais ocasionadas pelo processo infinito e dinâmico de semiose social.

As significações dadas aos objetos e seres do mundo real são de uma dupla ordem, afetiva e racional. Desse modo, da mesma maneira que a significação contri-



bui para tornar a realidade compartilhável por meio de universos simbólicos, cria e atualiza valores sedimentados, os quais vão permitir as linguagens e a comunicação. Esse processo de construção de imaginários sociodiscursivos, para o autor, dá-se por meio dos saberes de conhecimento e de crença.

Os saberes de conhecimento estão relacionados com verdades lógicas e racionais dos objetos do real, analisando empírica e racionalmente números, hipóteses e fatos por meio da experiência e da ciência para criar sustentáculos epistemológicos objetivos para suas explicações. A subdivisão dos saberes de conhecimento, de acordo com Charaudeau (2012), dá-se pelos saberes científico e de experiência. Resumidamente, o saber científico é estruturado por meio da lógica racional e o saberes empírico, pela experiência prática dos indivíduos em suas vivências diárias.

Os saberes de crença, por sua vez, estão mais próximos dos sentidos ao criar juízos de valor a determinado objeto ou fenômeno do mundo. São divididos em dois blocos como os saberes de conhecimento: os saberes de opinião e de revelação. O saber de opinião tem a ver com os julgamentos pessoais de cada sujeito, não necessariamente fundamentado por bases científicas, já o saber de revelação do mesmo modo é subjetivo, pois está fundamentado em pensamentos doutrinários relacionados com experiências de religiosidade.

Esses dois tipos de saberes servirão mais adiante como importantes chaves de leitura para nossas análises das narrativas na busca de certas percepções de *ethé*.

3 Análise do *corpus*

O *Jornalistas Livres* surgiu em 12 de março de 2015 por ocasião da cobertura das manifestações ocorridas nos dias 13¹² e 15¹³ daquele mês em todo o país. Conforme consta no *site* da rede (www.jornalistaslivres.org), o *Jornalistas Livres* autodenomina-se uma rede de coletivos com a necessidade “enfrentar a escalada da narrativa de ódio, antidemocrática e de permanente desrespeito aos direitos humanos e sociais, em grande parte apoiada pela mídia tradicional.” (*online*).

A página do *Jornalistas Livres* no *Facebook* existe desde 12 de março de 2015, dias antes das manifestações pró e contra a presidenta Dilma Rousseff; o meio foi, então, o primeiro utilizado pela rede para o exercício das coberturas jornalísticas. Talvez, isso se explique pelo fato de o *Facebook* ser gratuito e possibilitar a inserção de uma série materialidades discursivas: texto, foto, vídeo, enquete, interação com seguidores, entre outros recursos. Atualmente, a página do *Jornalistas Livres* conta

¹² Manifestação nacional em favor da então presidenta do país, Dilma Rousseff, intitulada “Ato Nacional em defesa da Petrobras, dos Direitos e da Reforma Política”, organizada pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

¹³ Protesto ocorrido em todo o país contra a presidenta Dilma Rousseff e o Partido dos Trabalhadores, organizada pelo Movimento Brasil Livre (MBL), Revoltados Online, Vem pra Rua.



com 901.588 seguidores (8 nov. 2017) e autodenomina-se “Empresa de mídia/notícias · Jornal”, sob a descrição “#JornalistasLivres em defesa da democracia: Cobertura colaborativa contra a manipulação política da mídia tradicional; pelas narrativas independentes.”.

O *corpus* selecionado para esta análise compõe-se de 24 *posts*¹⁴ publicados na página do *Jornalistas Livres* quando da condenação do ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 1ª instância, pela suposta aquisição irregular de um triplex no Guarujá, no dia 12 de julho de 2017. Dos 24 *posts*, doze são de publicações produzidas pelo próprio *Jornalistas Livres* e as outras doze são de perfis e páginas do *Facebook* e mesmo de outros *sites* compartilhados pela rede em sua página. Há charges, videomontagens, fotomontagens, somente textos, vídeos transmitidos “ao vivo”, entre outras materialidades discursivas nesses *posts*. Para fins de análise, vamos, primeiramente, analisar os *posts* compartilhados ou de autoria de terceiros, para, em seguida, investigar aqueles produzidos pelo *Jornalistas Livres*.

Antes de entrar propriamente nas análises discursivas, buscaremos propor uma caracterização da rede *Jornalistas Livres* baseando-nos na dimensão externa ou no nível situacional proposto por Charaudeau e já apresentado por nós na primeira parte deste trabalho. Com base em observações sistemáticas¹⁵ do *corpus* selecionado, podemos definir a rede como uma instância de produção compósita, já que dela participa um sem-número de pessoas, de diferentes regiões do país, faixas etárias diversas, formações heterogêneas (jornalistas, designers...), mas com um ideal comum característico da esquerda progressista (legalização do aborto, democratização da mídia, defesa dos direitos humanos etc.). Em relação à finalidade dos *posts* do *Jornalistas Livres*, entendidos como atos de comunicação entre a rede e seus interlocutores, percebemos das visadas de incitação (convencer os seguidores da inocência de Lula, da parcialidade do juiz Sérgio Moro na causa, da importância de se manifestar contra tal sentença nas Redes e/ou nas ruas etc.), de informação (explicar o porquê tal sentença é descabida juridicamente, contar das manifestações pró-Lula país afora etc.) e de captação (sensibilizar os seguidores a respeito da condenação injusta sofrida por Lula, vitimizar Lula pelo ocorrido, culpabilizar Moro, a elite e os meios de comunicação de massa de perseguição ao ex-presidente etc.) , como ficará manifesto quando das análises aqui propostas. Em uma perspectiva geral, os *posts* publicados pela rede têm como propósito engajar-se no apoio a Lula em relação à sentença do juiz Sérgio Moro pela suposta aquisição irregular de um triplex no Guarujá, usando para isso de diferentes tipos de materialidades discursivas (texto, imagens, vídeos etc.) para não só marcar posição e se fazer crer, mas convencer o interlocutor da página. Por fim,

¹⁴ Os *posts* aqui selecionados são dos dias 12 (dia em que Sérgio Moro sentenciou Lula) e 13 de julho de 2017.

¹⁵ “[...] instrumentos [...] utilizados na observação sistemática: quadros, anotações, escalas, dispositivos mecânicos etc.” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 176).



o dispositivo utilizado pelo *Jornalistas Livres* tem a ver com as próprias condições materiais proporcionadas pelo *Facebook*, como uso de vídeos, fotos, possibilidade de interação com os interlocutores etc.

3.1 Posts compartilhados ou de terceiros

Os *posts* compartilhados ou cuja produção não é do *Jornalistas Livres*¹⁶ são num total de doze, como dissemos anteriormente. Diferentes materialidades discursivas são usadas nesses *posts*, as mais presentes, no entanto, são vídeos, imagens, textos. Se pudéssemos distribuí-las em gêneros¹⁷ teríamos: quatro vídeos, três cartazes, duas charges, dois textos e uma enquete. Em razão do espaço característico de um capítulo de livro, optamos por analisar um *post* de cada um dos gêneros identificados por nós.

a) *post* compartilhado 1 (charge): *Plim! Plim!*

Figura 1: *post* compartilhado 1 (charge).



Fonte: *Jornalistas Livres*, 12 jul. 2017 (<https://goo.gl/77LHJB>)

¹⁶ Embora o conteúdo compartilhado ou “republicado” não seja produzido do *Jornalistas Livres*, é salutar afirmar que a rede, ao promover a circulação, o “espalhamento” de uma dada materialidade discursiva, o faz ou em adesão à ideia ali presente, ou como asserção de partida para sua argumentação. De todo modo, fato é que, sendo produzido ou não pela rede, as publicações “postadas” no *Feed de Notícias* do *Facebook* diz dos *éthe* e dos imaginários sociodiscursivos mobilizados pelo coletivo.

¹⁷ Com base na clássica definição de Bakhtin (2000, p. 279), cunhada ainda no início do século XX: cada campo de utilização da língua “elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”.



No *post* compartilhado 1 (FIGURA 1), publicado na página da rede no dia 12 de julho de 2017, temos uma charge do artista Simanca que se refere a Lula e à Rede Globo de Televisão. O logotipo da emissora é representado pictoricamente como um monstro a ponto de devorar o ex-presidente. De uma perspectiva enunciativa, o *Jornalistas Livres*, como locutor desse *post*, coloca-se numa posição delocutiva, isto é, retoma o discurso de um terceiro (“Por Simanca”), eximindo-se da autoria. Se pensarmos a charge a partir do modo de organização descritivo, percebemos uma construção subjetiva que identifica e qualifica a maior emissora de televisão do país como predadora e Lula como uma presa. Em termos narrativos, Lula e Globo são actantes protagonistas, mas o ex-presidente aparece na condição de vítima, já a Globo, agressora. Um saber de opinião é mobilizado nesta charge, transmitindo um imaginário sociodiscursivo de domínio feroz da narrativa pública pela Rede Globo.

b) *post* compartilhado 2 (texto): *A condenação de Lula é um escárnio*

Figura 2: *post* compartilhado 2 (texto).



Fonte: *Jornalistas Livres*, 13 jul. 2017 (<https://goo.gl/GC9Pmv>)

O *post* compartilhado 2 (FIGURA 2), publicado no dia 13 de julho de 2017 pela rede, diz respeito a um texto da ex-presidenta Dilma Rousseff expressando o posicionamento dela em relação à condenação de Lula. Com o texto, o *Jornalistas Livres* publicou uma foto, amplamente difundida na *Internet*, de Lula sendo cumprimentado por um homem negro com uma criança negra sobre os ombros que olha de maneira terna para o ex-presidente, que, reciprocamente, a olha fixamente. A foto é bastante patêmica e articula um imaginário que coloca Lula como uma figura messiânica. No texto, a ex-presidenta utiliza qualificações como “escárnio”, “flagrante



injustiça”, “absurdo jurídico” e “ignominia” para a condenação. Descritivamente, tais qualificações objetivamente vão enfatizar o teor negativo da decisão. A lógica argumentativa é a de que, sem provas, a condenação afeta profundamente a democracia. Lula é qualificado como presidente mais popular da história do país e “um dos mais importantes estadistas do mundo no século XXI”. Analisando o *post* a partir do modo de organização argumentativo (relações de causalidade entre diferentes asserções), percebemos uma ênfase subjetiva de que essas qualificações do ex-presidente (fortemente ancoradas e confirmadas pela escolha da foto ilustrativa) são a razão para a condenação de Lula, de maneira a cassar os direitos políticos dele. Constatamos ainda um imaginário sociodiscursivo que critica (opinando a partir de fatos) o papel da formação da opinião pública e um possível conluio entre imprensa-justiça e outros setores de poder.

c) *post* compartilhado 3 (cartaz): *A militância chama*

Figura 3: *post* compartilhado 3 (cartaz).



Fonte: *Jornalistas Livres*, 13 jul. 2017 (<https://goo.gl/XyMyUN>)

Outra publicação feita pelo *Jornalistas Livres* no dia 13 de julho de 2017 foi um cartaz da Frente Brasil Popular (FIGURA 3) convocando o interlocutor para uma manifestação no Rio Grande do Norte em defesa de Lula. No cartaz há uma foto da mão do ex-presidente saudando uma multidão ao fundo, ao que tudo indica fruto de uma edição gráfica. A representação icônica nos remete a um imaginário que coloca Lula na condição de líder do povo. Na narrativa, os actantes Lula (passivo, que é afetado) e Moro/elites brasileiras (ativo, aquele que afeta) são os protagonistas. Lula é qualificado como “maior liderança política da América Latina”; “primeiro colocado



em todos os cenários para as eleições de 2018”; a “maior liderança popular da história brasileira” e “uma grande ameaça ao golpe”. Percebemos ainda uma articulação análoga que coloca Lula como símbolo do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), Programa Universidade para Todos (Prouni), Bolsa Família e Minha Casa, Minha Vida – programas sociais implementados pelo governo petista. A relação causal estabelecida no discurso é a de que a elite, representada por Moro, condena Lula em razão de sua popularidade e de seus feitos em prol do “povo brasileiro”. Um dos possíveis imaginários sociodiscursivos criados com o cartaz (texto e foto) é o de Lula como uma metáfora que representa a “luta de classes”.

d) *post* compartilhado 4 (enquete): *A Veja quer saber*

Figura 4: *post* compartilhado 4 (enquete).



Fonte: *Jornalistas Livres*, 13 jul. 2017 (<https://goo.gl/nxx1zy>)

Uma enquete realizada pelo *site* da revista *Veja* é o *post* compartilhado 4 (FIGURA 4), publicado no dia 13 de julho de 2017. Analisando a publicação da rede *Jornalistas Livres* a partir dos modos de organização do discurso, temos, no modo enunciativo, um posicionamento elocutivo por parte do coletivo, isto é, ao mostrar a enquete realizada pela *Veja* – publicação reconhecidamente conservadora e crítica ao ex-presidente –, o *Jornalistas Livres* enuncia seu ponto de vista, sobretudo se observarmos a segunda interrogação do texto “postado” (“*Advinha como está o resultado?*”); e, no modo argumentativo, uma relação causal ancorada na ironia, como vemos na relação figura-texto, ou seja, uma publicação de posicionamento político conservador realizou uma pesquisa em seu *site* para saber o destino de Lula após a



condenação em primeira instância (figura), mas o resultado foi inesperado para eles (texto – “*Advinha como está o resultado?*”). Dois imaginários, em especial, são mobilizados neste *post*: 1) o da força política e eleitoral do ex-presidente; e 2) o da inocência, pois, embora ele tenha sido condenado, a maioria das pessoas crê no retorno dele ao Palácio do Planalto.



Fonte: *Jornalistas Livres*, 13 jul. 2017 (<https://goo.gl/rToc6Z>)

O *post* compartilhado 5 (FIGURA 5), publicado no dia 13 de julho de 2017 na página do *Jornalistas Livres*, é um vídeo de 45min30 exibido “ao vivo” do Diretório do Partido dos Trabalhadores na capital paulista pela Rede TVT, em que o ex-presidente Lula discursa sobre sua condenação em primeira instância. Durante o vídeo, Lula usa, especificamente, do modo de organização argumentativo para provar sua inocência e acusar o juiz Sérgio Moro de parcialidade na condução e julgamento do processo; para isso, o ex-presidente encadeia uma série de asserções lógicas e causais. No *post* da rede, contudo, é interessante observar não apenas o vídeo, mas o texto que o acompanha: “A ÚNICA PROVA APRESENTADA NESTE PROCESSO FOI A DE MINHA INOCÊNCIA”. A partir dessa heterogeneidade marcada (discurso direto), o *Jornalistas Livres* posiciona-se delocutivamente, isto é, retoma a fala de um outro (Lula, no caso), promovendo uma enunciação aparentemente objetiva. Novamente, os imaginários de inocência, de injustiça são mobilizados com a publicação desse *post* na página da rede.

3.2 Posts produzidos pelo *Jornalistas Livres*

Os *posts* produzidos efetivamente pela rede *Jornalistas Livres* são num total de doze, sendo seis vídeos, quatro figuras editadas e dois textos publicados no *site* do coletivo. Como fizemos com os *posts* compartilhados, nesta seção optamos por analisar um *post* de cada um dos gêneros identificados por nós.



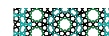
a) post produzido 1 (vídeo): *Ainda na manifestação...*

Figura 6: *post* produzido 1 (vídeo)



Fonte: *Jornalistas Livres*, 12 jul. 2017 (<https://goo.gl/jJAtyz>)

O post produzido 1, publicado no dia 12 de julho de 2017, traz uma entrevista com o médico Ubiratan de Paula Santos, militante do Partido dos Trabalhadores e ex-secretário de Governo em Santos (SP) na administração do prefeito David Capistrano. O vídeo tem 2m21 e é gravado à noite em meio a uma manifestação a favor de Lula na Avenida Paulista, em São Paulo (SP). Há um texto que acompanha o vídeo: “Para ele a condenação de Lula faz parte dos esforços de enterrar a política de justiça social que vinha sendo construída e a agenda da esquerda deve ser as lutas contra a votação da Reforma da Previdência e a revogação dos direitos tomados.” A conclusão lógico-argumentativa a que podemos chegar ao lermos o texto é a de que a condenação do ex-presidente está necessariamente ligada ao consequente fim das políticas sociais. O imaginário engendrado ao discurso confirma mais uma vez o viés opinativo de que há forças conservadoras representadas por setores poderosos da sociedade que estão tentando impedir o avanço de políticas progressistas. O texto presente no *post* apresenta-se como verdade, sobretudo se observarmos seu aspecto objetivo e uso da construção conformativa – “Para ele...”, estratégias características da enunciação delocutiva.



b) *post* produzido pelo *Jornalistas Livres 2* (figura editada): “*Se a casa-grande não sabe...*”

Figura 7: *post* produzido 2 (figura editada).



Fonte: *Jornalistas Livres*, 12 jul. 2017 (<https://goo.gl/eYc2oH>)

No dia seguinte à condenação de Lula em primeira instância, o ex-presidente fez um pronunciamento oficial da sede do Partido dos Trabalhadores (PT) em São Paulo, com duração de, aproximadamente, duas horas, o qual, inclusive, foi transmitido “ao vivo” pela rede *Jornalistas Livres* em sua página do *Facebook*. Após esse pronunciamento de Lula a respeito da condenação, a rede selecionou quatro frases do ex-presidente e as publicou como *posts* na rede social digital. Na edição, as frases estão escritas com letra em caixa-alta na cor verde, como vemos no *post* produzido 2, publicado no dia 13 de julho de 2017. Ao fundo das frases, vemos uma foto do ex-presidente sorrindo com um chapéu de couro remetendo a um imaginário de suas origens nordestinas, mobilizando mais uma vez uma percepção de líder do povo. Com os *posts*, lemos ainda a hashtag #LULACONDENADOSEMPROVAS.

O *post* produzido 2 traz a frase: “Se a casa grande não sabe tocar um país, permitam que alguém da senzala volte lá e faça o que tem que fazer.” No texto, percebemos um movimento de intertextualidade com a obra de Gilberto Freire *Casa-Grande e Senzala*. Na situação de comunicação do enunciado, a Casa-Grande, que um dia representou os senhores de engenho, hoje representa a elite, enquanto a Senzala, que representava os escravos, hoje representa o povo. Por meio de uma linguagem popular e fazendo uma oposição entre os actantes – um não sabe fazer e o outro precisa voltar para fazer o que precisa ser feito –, a lógica causal argumentativa aponta para um imaginário a partir de um saber opinativo, no qual o povo deve ser governado pelo povo, para que sejam feitas as ações de interesse do povo. Como no *post* produzido 1, neste, o posicionamento do enunciador (*Jornalistas Livres*) é delocutivo, pois o coletivo opta por usar o discurso direto de Lula.



c) post produzido 3 (texto): “Lula precisou...

Figura 8: *post* produzido 3 (texto).



Fonte: *Jornalistas Livres*, 12 jul. 2017 (<https://goo.gl/8Vx1NH>)

O *post* produzido 3, publicado no dia 12 de julho de 2017, traz um trecho de um texto publicado no *site* do *Jornalistas Livres* sob o título: “Lula: primeiro grevista condenado um dia após a aprovação da reforma trabalhista”. Do ponto de vista enunciativo, o *post* usa de um viés delocutivo, pois surge como discurso direto dito por um terceiro, no caso o autor do texto. Observando o modo de organização narrativo que constitui o *post*, podemos destacar Lula na condição de um actante que é vítima, injustiçado. Porém, se analisarmos o texto sob o modo descritivo, o ex-presidente aparece como um homem de luta e popular entre o povo: “presidente com apoio popular”, “condenado por ser uma ameaça política”, “[ele pode] impor uma nova ordem política no país” etc. O encadeamento de asserções causais, por sua vez, nos faz entender que a sentença de Lula foi dada no dia 12 de julho não por acaso, mas para tirar o foco da Reforma Trabalhista, aprovada no dia anterior no Congresso Nacional. Dentre os imaginários sociodiscursivos suscitados pelo *post*, vale ressaltarmos o de Lula como sendo o primeiro trabalhador punido pelas alterações da Reforma Trabalhista, tendo em vista a trajetória dele como metalúrgico e líder sindical.

Algumas considerações

Após realizarmos um estudo de caso sobre o modo como a página do *Jornalistas Livres* na rede social digital *Facebook* posicionou-se ante a condenação do ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 1ª instância, pela suposta aquisição irregular de um triplex no Guarujá, percebemos um *ethos* discursivo



relacionado a um ativismo do espectro político de uma esquerda progressista. Em seus *posts*, a rede usou da ironia, da intertextualidade e do discurso militante fazendo suscitar imaginários sociodiscursivos calcados em um saber de opinião, de modo a demarcar seus posicionamentos políticos, engajar-se em um julgamento a respeito da condenação e buscar adesão do público em geral e, especificamente, de seus interlocutores-seguidores.

Em relação às finalidades dos *posts* publicados, a página utilizou-se, sobretudo, da visada de incitação (convocando os seguidores para as manifestações), captação (preocupando-se em inserir em suas publicações imagens atraentes e discursos para mobilizar o interlocutor pelo *pathos*) e a visada de informação (trazendo pontos de vista do acontecimento divergentes do usual – inclusive criticando veículos tradicionais em seus *posts*, como *Globo* e *Veja*).

Discursivamente, o ponto de vista adotado pelo *Jornalistas Livres* nos *posts* é elocutivo, já que, seja por meio de vídeos, textos, ou imagens, a rede demarca sua posição em relação aos acontecimentos do mundo, neste caso, em especial, sobre a condenação de Lula. Interessante ainda observar o caráter argumentativo nos *posts*, pois os três modos de organização do discurso (descritivo, narrativo e argumentativo) são utilizados com o intuito de dar coesão ao posicionamento adotado pela rede, independentemente da materialidade discursiva utilizada nas relações de causalidade. Dessa maneira, seja qualificando o ex-presidente (liderança política, ameaça às elites, homem do povo), ou mesmo colocando-o como um actante passivo e afetado, a intenção é sempre estabelecer-se como uma instância de enunciação convicta de sua escolha.

Ao se posicionar com um discurso opinativo, tomando partido em defesa do ex-presidente, a página confirmou seu viés midiativista, pois se mobilizou a partir de uma atitude transgressora. Com isso, nos fez refletir, dentre outras coisas, sobre a aparente imparcialidade do conglomerado midiático de massa que camufla seus posicionamentos a partir da lógica da midiatização e que almeja impor uma narrativa hegemônica sobre o real. Nesse sentido, a rede *Jornalistas Livres*, especificamente neste estudo de caso, promoveu o “espalhamento” do acontecimento, posicionou-se e marcou presença como instância de produção que empreende narrativas de resistência, instituindo-se como uma rede midiativista a partir da interface discursiva de seus *posts*.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.



ANDRADE, Augusto Braighi Andrade. **Análise do discurso midiativista: uma abordagem às transmissões simultâneas do Mídia Ninja**. 2016. 658f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ASSIS, Érico Gonçalves de. **Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo**. 2006. 284f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo (RS), 2006.

ATTON, Chris. **Alternative media**. London: Sage Publications, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BENTES, Ivana. **Mídia-Multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

BITTENCOURT, Maria Clara. A. Narrativas coletivas? Mídiação do ativismo no Mídia Ninja e no RioNaRua. *Interin*, Curitiba, v. 19, n. 1, p. 86-102, jan./jul. 2015.

BRUCK, Mozahir Salomão. Palavra: Dispositivo. **Dispositiva, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 39-44, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. São Paulo: Zahar, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). **Gêneros reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/UFMG, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

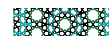
CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução Angela Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, Grenissa; PAULA, Luciane de (Org.). **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**. Uberlândia (MG): Edufu, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In : BOYER, H. **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. Langue(s), discours. vol. 4. Paris : Harmattan, 2012. p. 49-63.

DOWNING, John. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Senac, 2002.

FOLETTTO, Leonardo. **Midiativismo, mídia alternativa, radical, livre, tática: um inventário de**



INTERFACES DO MEDIATIVISMO: do conceito à prática

conceitos semelhantes. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio Humberto; CÂMARA, Marco Túlio. **Interfaces do midiativismo: do conceito à prática.** (no prelo).

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilização civis no Brasil contemporâneo.** Petrópolis: Vozes, 2010.

LOVINK, Geert; GARCIA, David. **O ABC da mídia táctica.** Trad. Ricardo Rosas. 2003. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/red/2003/03/249849.shtml>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). **Ethos discursivo.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-25.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais.** Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MILAN, Stefania. **Social movements and their echnologies.** Wiring social change. London: Palgrave MacMillan, 2013. Disponível em: <<https://stefaniamilan.net/book>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

MATTONI, Alice. **Media activism.** The Wiley-Blackwell encyclopedia of social and political movements. Nova Jersey: Blackwell Publishing, 2013.

PASQUINELLI, Matteo. **Mediactivismo: activismo en los medios – estrategias y prácticas de la comunicación independente.** Roma (Itália): Derive Approdi, 2002.

RAMONET, Ignácio. **A explosão do jornalismo: das mídias de massa à massa de mídias.** São Paulo: Publisher, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Trad. Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

